

# Pedro Maurício Borges

## 1.2. Didáctica: os suportes operativos

### A mão que segura o lápis é a mesma que agarra o rato?

1.

Há uma longa e comprovada prática de ensino da Arquitectura que coloca o Projecto no centro de gravidade dos planos de estudo. Esta centralidade do Projecto explica-se pela convicção raramente contestada de que a arquitectura se aprende fazendo. Assim, a prática deste fazer é, ao mesmo tempo, meio e fim, ou seja, didáctica e pedagogia.

Este fazer, que é projectar, é habitualmente enquadrado pela relação tutorial professor-aluno que, por sua vez, se alinha com a longa tradição de aprendizagem oficial entre mestre e discípulo. Com a reforma de Bolonha, e a consequente diminuição do tempo de ensino, tornou-se cada vez mais difícil manter a eficácia desta relação.

Que didácticas implementar para rentabilizar o menor tempo de contacto entre professores e alunos?

Ainda há tempo para as mãos pensarem?

Ou será necessário rever as estratégias pedagógicas baseadas no aprender fazendo?

2.

Se a arquitectura se aprende a fazer fazendo, então o suporte operativo deste fazer – desenho à mão sobre o estirador, maquete ou desenho por computador, diário gráfico ou blog individual, – é já ferramenta pedagógica. Por isso se diz amiúde que o que interessa é o processo.

Um estirador por aluno para desenhar à mão, ou um blog por aluno para carregar com imagens são opções que se traduzem em diferentes suportes para um mesmo processo de Projecto ou que servem processos diferentes?

### Resumo do Debate

(Dadas as condições acústicas e de gravação do debate, segue-se o resumo possível).

As comunicações começaram com o apelo à revolução contra o sistema tradicional da relação mestre-discípulos feito por Ramon Silva de Carvalho e acabaram com o PREC nas Belas Artes do Porto na versão de Nicolau Brandão. Pelo meio tivemos a descrição, passo a passo, da metodologia de projecto de uma certa praxis portuguesa, por Nuno Miguel Soares, e de um processo iniciático de concepção e investigação centrado na maquete, por Juliano Batista Oliveira.

Destas apresentações resultou um debate em que se destacaram como temas os suportes operativos para a aprendizagem do Projecto – o papel, a maquete ou o suporte digital, e a Disciplina enquanto sistema de autoridade pedagógica.

O moderador começou por inquirir Ramon Silva de Carvalho sobre o papel do professor no sistema por si apresentado, o qual, baseado na teoria actor-rede, propõe a redução ou mesmo a anulação da hierarquia entre os actores humanos. O argumento é que a praxis tradicional do sistema tutorial não integra a vida e os interesses dos alunos, aos quais é imposto o programa do professor e da escola.

Esta proposta radical, para além do nivelamento entre professor e alunos, coloca também ao mesmo nível os actores não-humanos, isto é, computadores, tablets e telemóveis. Da plateia, Jorge Spencer reagiu dramatizando a opção pelos meios operativos informáticos: que se trata de uma didáctica cuja ideia de arquitectura estabelece com o real uma relação totalmente diferente da didáctica que privilegia o desenho, do estar sentado a desenhar, que

é simultaneamente pensar a realidade, lê-la e ser parte dela. Foi o desenho que no século xv alterou a posição social do arquitecto, promovendo o ofício de arquitecto a profissão de colarinho branco, ou “de mãos limpas”, como disse, retirando-o das obras.

Por outro lado, Jorge Spencer reagiu à utopia sociotécnica da teoria actor-rede convocando a Disciplina – “Educar é disciplinar” – e reclamando a autoridade do docente como referencial nas estratégias didácticas. A didáctica são os métodos, as técnicas, que o professor usa para implementar um sistema pedagógico que a Escola advoga. Assim, escolher os suportes operativos para o Projecto não pode ser uma escolha dos alunos. Determinar o lugar dos suportes operativos é indissociável da definição de uma estratégia didáctica, seja para abordar o real seja para projectá-lo. Pelo meio, exemplificou com a Escola do Porto, que há muito tempo assumiu o desenho como instrumento privilegiado para olhar e projectar, e com a Architectural Association que privilegia o uso dos computadores na sua estratégia didáctica.

Aos meios informáticos e ao desenho à mão, Juliano Batista Oliveira havia acrescentado a maquete. Para a materialização das primeiras ideias e seu desenvolvimento na iniciação ao projecto de arquitectura, a maquete à escala tem a vantagem da maior objectividade face à subjectividade e abstracção do croqui, para além de potenciar, desde logo, a exploração das possibilidades estruturais. Considerando também a maior dificuldade na representação gráfica da imaginação arquitectónica, a maquete apresenta-se aos alunos como um eficaz suporte interactivo.

A maquete como croqui ou esboço não deverá usar cola, categorizou então Nicolau Brandão, sob pena de perder as suas faculdades especulativas. Colar as maquetas seria o mesmo que no desenho investigar com régua e esquadro. Que a maquete tem vindo a substituir progressivamente o desenho como meio de investigação no 1.º ano de projecto é algo que Nicolau Brandão tem vindo a constatar desde o confronto da sua escola de arquitectura, a ESAP, com as práticas norueguesas.

O moderador inquiriu ainda Nuno Miguel Soares sobre qual seria o motor crítico que acelerava o processo de acção-reflexão apresentado como metodologia de projecto; sendo no real que se encontrava a fundação do projecto, quais seriam os critérios ou o sistema de valores com que elegeria o que interessa do real para o projecto. Nos objectivos traçados para o exercício estará a resposta: o tema e os objectivos enunciados são as guidelines para o processo de tomada de decisão, sugeriu Nuno Miguel Soares, que mais à frente no debate veio a acrescentar, citando Nietzsche, “não há bem nem mal, há um processo.” O docente encaminha, guia a construção do processo. “Não há a ideia que o real construa um processo”, sendo na reflexão pela acção que se constrói a ideia.

Nicolau Brandão reiterou a centralidade do processo, postulando que no projecto não há uma solução, “isso é na Matemática. O projecto é investigação. É processo.”

O moderador deu então por encerrado o debate comentando que, no discurso dos professores, “o processo, às vezes, parece o Espírito Santo...”